

Divulgar ciência e construir identidades: um trabalho midiático com o corpo*

Josiane dos Santos Lima**
Kátia Menezes de Sousa***

Resumo

O trabalho procura mostrar, por meio de uma breve análise, como o discurso da mídia e da ciência podem se encontrar em um espaço produtivo de identidades, ou seja, como a divulgação de ciência permeia os mais diversos espaços da vida cotidiana e fomenta a constituição de modos de existência, de forma de viver e, claro, de possibilidades identitárias. As análises apresentadas encontram-se apoiadas na teoria da Análise do Discurso, sobretudo a partir das contribuições do filósofo francês Michel Foucault.

Palavras-chave

Ciência; identidade; mídia; discurso; divulgação científica.

Abstract

The paper aims to show, through a brief analysis, how the discourse of media and science may find themselves in a productive space of identities, i.e. how the dissemination of science pervades the most diverse spaces of everyday life and fosters the creation of modes of existence, possibilities of identity. The analyzes are based on the theory of discourse analysis, mainly from the contributions of the French philosopher Michel Foucault.

Keywords

Science; identity; media; discourse; scientific dissemination.

* Artigo recebido em 14 de abril de 2013 e aprovado em junho de 2013.

** Aluna de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás – área de Linguística.

*** Professora Associada na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, atuando na Graduação e na Pós-Graduação – área de Linguística e Análise do Discurso.

O que é percebido como importante e interessante é o que tem chances de ser reconhecido como importante e interessante pelos outros.

Pierre Bourdieu

1. O corpo como objeto discursivo

Antes de centrarmos-nos na problematização do corpo e da construção das identidades na atualidade, faz-se necessária uma breve explicitação acerca dos caminhos teóricos que nortearão este trabalho. Na primeira parte, faremos um curto passeio teórico, a fim de mostrar alguns contornos da teoria a ser utilizada e da contribuição dada por Michel Foucault aos estudos da Análise do Discurso.

Um dos temas de nosso artigo bem poderia surgir nas mais diversas áreas de pesquisa. O corpo é um objeto múltiplo que se permite apanhar pelos pensamentos biológico, sociológico, histórico, das artes ou psicológico etc. Não é possível desconsiderar todas as tramas teóricas que foram organizadas em torno das posições de Darwin, por exemplo, e toda a teoria evolucionista e, por outro lado, a conjuntura analítica proposta por Freud. Foram muitos os embates que existiram em torno do que constitui e “anima” o corpo, seu surgimento como ser humano, suas especificidades físicas, mentais, éticas e morais. Contudo, nossa opção aponta para uma leitura discursiva desse objeto, já que, na atualidade, a construção identitária dos sujeitos também é afetada pelo viés do discurso autorizado da ciência.

Dessa forma, nossa tarefa será a de pensar e analisar o corpo como um artefato que não se limita ao substancial da carne, mas que pode ser construído, por isso, *dito e visto*, pelo viés da linguagem, mais especificamente, pelo discurso. Segundo Milanez (2006), as questões que envolvem o lugar do corpo em nosso meio são um modo de problematização das identidades pessoais e também sociais, posto que marcar nossa corporalidade, seja pessoal, social ou cultural, é um esforço que se faz na busca pela compreensão da atualidade e, ao mesmo tempo, pelo encontro da historicidade das verdades e modos de disciplinar a conduta dos indivíduos.

O nosso compromisso é abordar o corpo, ou sua possibilidade de existência discursiva, a partir dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso, considerando, ainda, para isso, as contribuições do filósofo francês Michel Foucault, o qual mostrou, nas suas mais diversas incursões histórico-filosóficas, que o corpo pode ser tratado

como conceito importante para entender a própria constituição do sujeito na Modernidade, os jogos de produção da verdade e, também, as relações de poder. Conforme Foucault (2007, p.80), “o controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo”. Em outros termos, o corpo é alvo fundamental nos exercícios das relações de poder, pois a materialidade do poder se torna visível quando se ordena, quantifica, delimita e normaliza o corpo. Nesse sentido, não podemos deixar de valorizar o inegável peso que possui o discurso da ciência em nossa história atual.

Por outra via, é possível perceber, ao mirar as relações de poder em torno de um objeto como o corpo, que estão aí presentes modos de constituição do próprio sujeito, sua localização identitária, ou seja, há uma rede complexa que opera conforme determinados processos tanto de objetivação como subjetivação. Foucault nos permite ver o sujeito não apenas como um anteparo de ordem existencial, nos moldes fenomenológicos. Ao abordar a produção dos saberes e as formas de exercício do poder, o filósofo nos mostra que tudo isso contribui para a configuração de modos de subjetivação, maneiras de ser sujeito, formas de reconhecimento de uma identidade, modos que são históricos, constantemente atravessados e, por isso, também mutáveis.

Nesse sentido, a nossa análise tomará os discursos acerca do corpo dos indivíduos a partir de alguns conceitos propostos por Foucault (2004, p. 30). Dessa maneira, não é de nosso interesse realizar uma análise de língua, simplesmente, mas tomar a materialidade linguística empregada no funcionamento dos enunciados, naquilo que faz constituírem redes discursivas, que alça a condição de acontecimento, já que, para o autor, “a descrição de acontecimentos do discurso coloca outra questão bem diferente: como apareceu um determinado enunciado e não outro em seu lugar?”.

Uma profusão de coisas é dita cotidianamente e, tendo em vista a questão feita por Foucault (2004), como analistas, deveríamos nos propor a um questionamento preliminar. Antes mesmo de tentarmos saber o que significa o que foi dito, como aquilo foi dito ou o que se sucedeu e o que foi desencadeado com aquele dito, deveríamos nos deter em uma indagação bem mais fundamental, na medida em que foi dita uma coisa e não outra coisa. Assim, a questão proposta por Foucault (2004) aponta que, antes de tentarmos saber o sentido e o modo do que foi dito, devemos entender o que é que tornou possível dizer uma coisa e não outra em seu lugar.

Contudo, devemos admitir que, dentro dos estudos linguísticos, muitas das vezes a busca por respostas para as outras questões fez com que o próprio dito ficasse esquecido ou, ainda, fosse visto como algo evidente. Ou seja, a busca pelo sentido, pelos modos do dizer e pelas suas ações acabaram negligenciando a ideia de que a própria possibilidade de falar não é uma evidência, pois “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 2004a, p. 9). Assim, deveremos considerar que o que foi dito está dito e não se pode indagar a uma época por que não disse tal coisa ao invés de outra, já que o dito se dá em suas possibilidades históricas de acontecimento.

O material que analisaremos deve ser visto como fruto de determinada conjuntura histórica. Trata-se de uma malha discursiva que irrompe como acontecimento, conjugando saberes e vontades de verdade de nossa sociedade, de nosso tempo, os quais dizem como devem ser os sujeitos, como devem ser inseridos e classificados no mundo, se são normais, saudáveis ou enfermos, responsáveis ou displicentes com o seu corpo e o corpo social. Por tal motivo, precisamos nos ocupar com a relação da linguagem com uma prática discursiva. Conforme Foucault:

Não podemos confundi-la [*prática discursiva*] com a operação expressiva pela qual um indivíduo formula uma ideia, um desejo, uma imagem; nem com a atividade racional que pode ser acionada em um sistema de inferência; nem com a "competência" de um sujeito falante, quando constrói frases gramaticais; é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa (2004, p. 133).

Nenhum indivíduo diz algo sem antes “ter ouvido dizer”. Quando diz, está dimensionado em um tempo e em um espaço. Em outras palavras, existe uma posição que deverá ser assumida por aquele que enuncia. Ele deve assumir um dado dizer e não outro, e isso depende muito menos de sua escolha do que do jogo de possibilidades que se encontra aberto. Dessa forma, o discurso torna-se um relacionamento complexo e esse mesmo relacionamento define as próprias regras de exercício ou de existência dos enunciados.

A análise discursiva não há de se deter na forma de interpretação no que se refere à análise estrita do sentido. Ela deverá descrever aquilo que foi efetivamente dito do ponto de vista de sua existência enunciativa e visará a descrever modalidades de

existência para definir um conjunto de possibilidades de existência desse dito e não de outro.

2. O encontro entre mídia e ciência: a divulgação

Há, em nosso cotidiano, mil coisas, inúmeros modos de fazer e práticas que se multiplicam, mas que, às vezes, atendem a uma mesma demanda; e examinar tais práticas pode ser uma operação reveladora. Atualmente, em nossa sociedade, parece algo estranho pensar o próprio mundo sem a existência dos meios de comunicação e de toda a indústria cultural aí edificada. Entretanto, por outro lado, pode-se pensar no que é produzido por esse mar de expectadores, ouvintes e leitores do mundo (CERTEAU, 2007). Quais seriam as regras seguidas, manipuladas, subvertidas e instituídas? No que tange à nossa proposta, devemos jogar um pouco mais de luz sobre a relação entre ciência e mídia, já que nem tudo que é produzido pela ciência é de interesse da mídia, ao menos não de forma imediata, e nem segundo a verdade enunciativa da ciência, mas antes a partir da perspectiva da mídia.

Dessa maneira, a própria noção de uma notícia científica, por exemplo, pode ser uma articulação bastante complexa, conforme veremos em uma das análises propostas. Parece existir uma espécie de encenação, um trabalho que passará, necessariamente, pelo filtro do que se pode chamar de meios de comunicação, os quais, para muitos, reduzem a realidade a uma condição meramente espetacular. Entretanto, devemos nos arriscar a dizer que a realidade também já é uma criação, uma encenação, um palco montado. Isso apenas nos mostra que, de um lado a outro, tudo que é produzido, a rede de enunciados que se espalha por toda parte, não é, jamais, um trabalho neutro. E os meios de comunicação, por sua vez, são mais que meios, mas a própria formação da informação. Por tal razão, não nos basta apenas dizer que há espetáculo em torno da produção científica, espetacularização da voz da ciência, mas ver o que sucede ao espetáculo quando capturado, trabalhado e transmitido pelos meios de comunicação, seja na forma de uma propaganda, de uma notícia ou mesmo na eleição do que pode ou não ser dito, visto, experimentado, usado, e de quem está autorizado a dizer isso ou aquilo.

Conforme Blanchot (*apud* CHAUÍ, 2006), os meios de comunicação, por serem encarados como “simples” meios, perdem sua força mediadora e levam os sujeitos a acreditar que conhecem imediatamente as coisas quando, na realidade, estão em contato

com apenas um modo de olhar. Assim, para o autor, o mundo vira espetáculo do espetáculo da comunicação. A operação de emergência de um espaço da ciência no cotidiano passa justamente no ponto em que se cruzam a produção científica, a tecnológica, a da informação, os operadores de ordem midiática, os sujeitos, um tempo, um espaço, enfim, o emaranhado de enunciados que existem e se enredam permanentemente. É justamente aí que aquilo que não é mais ciência, mas um efeito dela, pode e tem condição de aparecer em suas mais variadas formas.

Assim, veremos que, por “meio da mídia” – isso já uma redundância – a voz da ciência, um espaço discursivo possuidor de seus mecanismos, de uma linguagem facilmente reconhecível, pode, pela instância enunciativa, cruzar-se com outras séries de enunciados e surgir na constituição dos dizeres que podem circular nos *outdoors*, nas revistas, nas propagandas da TV, em campanhas governamentais e nos lugares mais diversos, criando lugares de reconhecimento identitário para os mais diversos indivíduos.

Desse modo, devemos sempre tentar interpretar o que é produzido, na ordem discursiva, quando os discursos da ciência e da mídia se tocam, se cruzam e se articulam na história do nosso presente. Quais efeitos são possíveis a partir desse processo? Um novo espaço é constituído no cotidiano, um efeito de memória é propiciado e subjetividades ganham contornos, identidades são produzidas.

A mídia, como outros tantos mecanismos, marca o seu lugar, mesmo que fluido, na construção dos sujeitos da contemporaneidade. Deve-se, então, levar em consideração que as notícias sempre partem de algum lugar que se configura, por sua vez, pelos seus interesses específicos (GOMES, 2003). Assim, conforme Deleuze e Guatari (1995, pp. 16-17), “os jornais, as notícias, procedem por redundância, pelo fato de nos dizerem o que é ‘necessário’ pensar, reter, esperar. A linguagem não é informativa nem comunicativa, não é comunicação de informação, mas – o que é bastante diferente – transmissão de palavras de ordem”.

A partir da ideia de que existe uma trama simbólica que faz mover o tecido social, somos levados a considerar, então, a noção de realidade como construção de mundos (GOMES, 2003). A mídia aí faria funcionar mecanismos importantes para a irrupção/manutenção de nosso espaço de existência.

Tal quadro é realmente importante na medida em que podemos perceber que a nossa sociedade abriu um espaço considerável para a atuação da ciência, designando-a

para encontrar soluções para os problemas da sociedade contemporânea (GUIMARÃES, 2003). Contudo, não podemos desconsiderar que toda essa responsabilidade atribuída à ciência não se dá de qualquer modo, pois é um processo efetivado por práticas cotidianas, quando a mídia faz formulações acerca do trabalho da ciência, de suas tarefas e deveres ou quando a própria comunidade científica se pronuncia sobre esta ou aquela questão. Em outros termos, há a instauração de um jogo de regulações. Quando a mídia diz o que a ciência fez, faz ou poderia fazer, contribui, também, em outra parte, para a abertura de espaços cada vez mais amplos para que a ciência diga o que se deve fazer, como fazer e, talvez, porque fazer, conforme será possível perceber nas análises posteriores.

Desse modo, não apenas se garante a existência ou o transporte da informação de um ponto particular a outro, mas a articulação midiática faz com que aquilo que é “produto” de ciência – suas máquinas, a cura de doença, o seu próprio discurso – saia de um lugar central e alcance o indeterminado do cotidiano social. A articulação se dá de tal forma que a voz da ciência toma o cotidiano assim como toma do cotidiano sua voz.

É possível dizer que os meios de comunicação criam uma imagem duplamente eficaz. De um lado, quando o debate público se torna espetáculo, tudo é passível de ser discutido ou mesmo debatido do ponto de vista científico, da arte à economia doméstica; em nosso caso específico, o meio ambiente, o comportamento social e os cuidados com a saúde. Isso cria uma imagem de que há diálogo real entre as partes. Ela exalta os meios de comunicação, pois esses são os guerreiros interessados somente no benefício de levar a informação a todos. Destitui o “meio” (a mídia) de seu caráter também político e social. E ainda, como parte dessa duplicidade, cria a ilusão de que todos podem tomar parte no debate, pois só não participa quem não quer. Assim, esquecem-se os conteúdos veiculados e sua real relevância, os agentes envolvidos, a presença simulada dos sujeitos e louva-se o simples fato de que a informação chega cada vez mais longe ou que está no lar de cada cidadão, seja por meio de uma notícia “esclarecendo” sobre os males cardíacos, seja em uma propaganda sobre o uso correto da energia.

3. As relações de poder e constituição de modos de subjetivação

Não será possível, nesse breve espaço, esgotar a analítica do poder proposta por Michel Foucault ao longo do desenvolvimento de seus trabalhos sobre os saberes e as práticas

produzidas por nossa sociedade. Contudo, desde já se pode dizer que o conceito de poder ocupou lugar privilegiado em suas pesquisas. Devemos sempre evitar atribuir a essa noção um aspecto negativo ou mesmo substancializado, tomando-o como um objeto que se possa possuir.

O poder em Foucault é abordado como um exercício, como um jogo de forças constantemente assimétrico e instável, não como um atributo que se possa tomar posse ou se transferir. Disso também decorre outra característica peculiar, quando se pensa o poder por meio do viés foucaultiano. Para o filósofo, o poder possui caráter produtivo, pois ele é um jogo de forças essencial à própria vida.

Foucault (2007) mostra que o poder não está em um lugar, mas deve ser pensado com relação de força, pois está implicado na construção das verdades; em todo o corpo social, ele não distingue dominados e dominantes, mas perpassa-os da mesma forma. Assim, esse atravessar os sujeitos também é uma forma de constituí-los, pois eles são definidos pela assunção de determinados discursos em detrimento de outros, o que levará ao exercício de práticas determinadas. Portanto, conforme Foucault (2007), sempre se estudou os “detentores” do poder e não os seus mecanismos e, muito menos, as relações entre poder e saber. Dessa forma, há “[...] uma perpétua articulação do poder com o saber e do saber com o poder. Não podemos nos contentar em dizer que o poder tem necessidade de tal ou tal descoberta, desta ou daquela forma de saber, mas que exercer o poder cria objeto de saber, os faz emergir, acumular informações e as utiliza” (FOUCAULT, 2007, p. 141).

Tentemos perceber tais mecanismos em uma propaganda da Eletronuclear (ver Anexo A), braço da Eletrobrás que trabalha com exploração de energia nuclear. No material da propaganda, poderemos perceber que o sujeito que age conforme as indicações que serão propostas pelo Ministério das Minas e Energias pode ser tido como um bom cidadão, aquele que se mostra preocupado com o que é bom para ele e, também, para a sociedade, para a manutenção do planeta. É possível observar que a propaganda não trata simplesmente de formas de consumo de energia, mas aborda a melhor forma de consumi-la, ou seja, há instrução circulando no espaço publicitário. É importante observar que a instrução não incide sobre os aspectos técnicos dos aparelhos, mas sobre as atitudes dos sujeitos em relação ao uso desses. Não basta simplesmente informar o consumo energético dos equipamentos, mas a ação de cada um dos sujeitos em relação a eles. Observemos o trecho retirado da campanha:

...tão importante quanto entender como a energia elétrica é gerada é saber que ela está sendo consumida com responsabilidade.

Reprodução de trecho da propaganda *Economize o Planeta*, da Eletronuclear – Ministério das Minas e Energia.

Pode-se dizer que há uma tecnologia de poder sendo exercida na construção e no resultado das instruções feitas pelo Ministério. Há um foco sobre o corpo do indivíduo e, também, sobre suas atitudes; ou seja, veremos que, ao mesmo tempo em que se toma o corpo de modo individualizado, mostrando como ele deve se comportar, focalizando sua identidade como cidadão ou membro consciente de sua comunidade, também se fala da parte que esse mesmo sujeito toma em relação a um movimento maior, o de população.

Tal processo fará delinear, ao longo de sua realização, novas formas de subjetividade e novas formas de os indivíduos se reconhecerem como sujeitos, ou seja, de se reconhecerem em uma identidade possível. Está, aí, aberta a porta para o aparecimento dos “verdes”, dos “ecologicamente conscientes” e, até, de modelos (de desfiles, de passarela) se reconhecendo no papel de “eco-modelos”, ou seja, daqueles que desfilam a moda ecologicamente sustentável. Dessa maneira, podemos apontar essa tecnologia de poder como algo que não está ligado somente aos indivíduos, mas atua na maneira como esses indivíduos lidarão com a tecnologia existente e na forma como melhor se integrarão ao corpo populacional, visando a uma lógica do conjunto.

Nessa mesma esfera, de outro lado, temos a instituição de um espaço, o qual faz criar o ambiente íntimo do sujeito, o seu quarto; entretanto, o ambiente retrata mais de um indivíduo, fazendo com que os dizeres alcancem a multiplicidade de sujeitos. Porém, isso não pode ser notado apenas porque são figuras distintas, mas porque o que é dito aponta para comportamentos distintos. Em outras palavras, cada caixinha de explicações traz um juízo acerca do comportamento dos sujeitos e localiza-os em identidades de grupo, desde aqueles que se envolvem com música e equipamentos eletrônicos até aqueles que gostam de um banho mais demorado. Funcionando como uma espécie de discurso neutro, pois traz um saber cientificamente confirmado na forma de dados estatísticos – mesmo que de maneira simplificada –, há a publicização de um saber autorizado que deverá alcançar um número grande de indivíduos. Tal configuração atesta o que Foucault diz sobre o funcionamento do poder,

Pois se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do recalçamento, a maneira de um grande super-ego, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos a nível do desejo [...] e também a nível

do saber. O poder, longe de impedir o saber, o produz [...] (FOUCAULT. 2007, p. 148).

Uma publicidade desse tipo só é possível porque existe uma rede discursiva que leva o saber restrito das usinas produtoras de energia para a vida cotidiana, mostrando que todos estão integrados em um ambiente social. Basta observar com atenção o enunciado que abre a propaganda. Primeiramente, há uma voz habilitada a falar sobre o assunto: é a própria Eletronuclear, empresa termonuclear de economia mista. Depois, em destaque, encontram-se os dizeres *ECONOMIZE O PLANETA*, e não é por acaso que a expressão aparece construída de tal maneira. Ocorre, na realidade, uma reelaboração de sentido, pois, gramaticalmente, a ideia do verbo “economizar” não coaduna com o complemento exposto na propaganda; mas, por outra via, sabemos de todo o movimento existente, nos últimos anos, em torno das questões ambientais e da suposta preocupação com o futuro do planeta. Logo, o sentido desejado, e por conta de uma memória de discursos anteriores, pode ser alcançado quando se pensa que economizar recursos naturais é uma forma de prolongar ou de não (des)gastar o próprio planeta.

Entretanto, por mais que o mote principal da peça publicitária gire em torno da ideia de salvação e preservação dos recursos naturais, não podemos deixar de perceber que, a todo o momento, o foco do discurso recai sobre os sujeitos e sobre sua identidade pessoal e social. Ou, ainda, mais precisamente, sobre os corpos que habitam dado espaço e fazem uso de diversas tecnologias que funcionam por meio da eletricidade; ou seja, trata-se de um exercício de poder sobre os corpos em suas ações mais corriqueiras.

Nesse sentido, Hardt e Negri (2010, p. 42), analisando as questões caracterizadoras do biopoder formulado por Foucault, consideram que a sociedade de controle da atualidade “[...] se caracteriza por uma intensificação e uma síntese dos aparelhos de normalização de disciplinaridades que animam inteiramente nossas práticas diárias e comuns”. Observemos que a peça articula seu dizer em termos de orientações e não necessariamente na forma de comandos fechados, ou seja, é um bem que a empresa fornece de modo a manter o consumidor informado e, ao mesmo tempo, cumprir seu papel social de cuidados com o meio ambiente. Trata-se de uma estratégia que atinge o indivíduo em suas ações e também abarca a população de modo geral.

Como no caso visto, Eletronuclear não é simplesmente geradora de energia, mas é uma empresa preocupada com o bem-estar de seus consumidores, com a melhor

maneira de conduzir a vida, enfim, com o uso responsável dos recursos oferecidos pelo planeta.

Nesse segundo momento, deteremos nosso olhar sobre a matéria “Perigo mal compreendido”, na seção sobre saúde da revista *Galileu* (ver Anexo B). Na parte formal, pode-se dizer que há o uso de boxes de maneira um pouco distinta daquela usada pela peça publicitária do Ministério de Minas e Energia, pois o recurso toma parte considerável do texto. Ou seja, há apenas uma pequena coluna apresentando o assunto a ser tratado, de maneira bastante resumida, e toda a página da revista acaba sendo preenchida por boxes.

Além de utilizar essa forma de recurso explicativo para o texto sobre colesterol, a matéria também faz uso da ilustração. Assim, faz-se uma representação genérica da anatomia do corpo humano, utilizando as partes necessárias para se fazer referência à produção do colesterol e, a partir daí, parte-se para a explicação da funcionalidade de cada órgão ou sistema envolvido em tal tarefa. O divulgador tenta mostrar, por comparação gráfica, a diferença fisiológica existente entre a corrente sanguínea saudável e aquela acometida por aterosclerose, além de colocar em destaque, por meio de recurso de imagem, as principais áreas afetadas por esse mal.

A matéria apresentada por *Galileu* traz um diferencial interessante, pois além de não apenas lançar mão dos recursos linguísticos, já que utiliza imagens para a construção dos sentidos desejados, conforme vimos, ela, já pelo título da matéria, enuncia o julgamento acerca dos conhecimentos do público leigo. Dessa forma, aponta, de antemão, para um lugar de não saber e, claro, a revista estaria ali para sanar tal problema.

Assim, a voz da ciência é simulada na matéria na voz da medicina, fazendo uso de conceitos típicos da área da saúde. Por isso, mostra percentuais numéricos, quantificando a realidade da questão de produção do colesterol. Conforme foi possível apontar em outros momentos desse artigo, há sempre, no funcionamento social, jogos de poder sendo operados. Dessa maneira, a atualidade se caracteriza por um regime de poder que se incumbiu “tanto do corpo quanto da vida, ou que se incumbiu [...] da vida em geral” (FOUCAULT, 2005, p. 302). Dentro desses jogos de poder, há, inevitavelmente, produção de saber.

Dessa forma, tendo em vista a matéria de *Galileu*, veremos que o saber ligado à área da saúde ganha, aí, um peso considerável, fazendo surgir um movimento

interessante. Para Foucault (2005, p.302), “a medicina é um saber-poder que incide ao mesmo tempo sobre o corpo e a população, sobre o organismo e sobre os processos biológicos e que vai, portanto, ter efeitos disciplinares e regulamentadores”. Logo, a matéria de *Galileu* não apenas faz exposição dos riscos do colesterol, mas também aponta como os indivíduos devem ser para evitar esse mal, conduzindo cada um a se reconhecer, em um processo identitário, como aqueles que possuem práticas saudáveis ou não. Desse modo, segundo Foucault (2005), há um elemento que circula entre os efeitos disciplinares e reguladores - trata-se da “norma”.

Os indivíduos serão atingidos tanto em sua posição individualizada quanto na formação do quadro populacional e, desse modo, todo esse complexo processo fomenta a constituição de identidades em nossa atualidade. Eles devem ter uma vida saudável e conquistar qualidade de vida e bem-estar, para não aumentarem o contingente da população obesa e sedentária, que gerará gastos para o Estado, isto é, para não fazerem parte de dados grupos sociais.

Assim, matérias como a analisada não cumprem apenas um papel informativo, posto que fica visível que há bastante *formação* na (*in*)formação. Cria-se a ideia de que aquele que não se cuida, mantendo uma boa alimentação e exercícios físicos, não é alguém que se integrará de modo adequado – desejável – à vida social. Contudo, como se trata de um texto para leigos, os conceitos utilizados, por mais técnicos que pareçam, devem mostrar alguma ancoragem nos sentidos do cotidiano, sem, é claro, perder seu teor científico. Assim, se justifica classificar, não só na matéria, mas no cotidiano, a sigla HDL, que se refere a lipoproteínas de alta densidade (*High Density Lipoproteins*) como apenas “o bom colesterol”. Matérias como esta ilustram bem a ideia de que “o poder, enquanto produz, organiza; enquanto organiza, fala e se expressa com autoridade. A linguagem, à medida que comunica, produz mercadorias, mas, além disso, cria subjetividades, põe umas em relação às outras, e ordena-as”. (HARDT; NEGRI, 2010, p. 52).

Ao se pensar o sujeito da forma proposta por Foucault (2007), admite-se que ele não está pronto ou mesmo seja autônomo, mas antes ingressa em um grande jogo que está sempre se refazendo. O sujeito não entra no mundo social de qualquer maneira, pois ele encontra organizações que o precedem, ordenações que apontam por onde ir, o que deve ser dito e visto. Em outros termos, está submetido à ordem de seu tempo, aos discursos que circulam e organizam as relações sociais e também aos saberes de sua

época (GOMES, 2003). A hipótese de Foucault (2007, p. 161) parece, então, pertinente quando diz que o indivíduo não é o ponto em que se abate o poder. Contudo, esse mesmo indivíduo, com suas características e sua suposta identidade “é produto de uma relação de poder que se exerce sobre os corpos, multiplicidades, movimentos, desejos, força”.

Ao partirmos do pressuposto de que o sujeito não é dado na história, mas construído no interior dela, podemos perceber como algumas práticas cotidianas marcam a existência, em nossa sociedade, de mecanismos que fazem aparecer um indivíduo ligado ao funcionamento social, ou seja, exemplo de uma funcionalidade orgânica. Assim é que nos foi possível direcionar o olhar em relação à propaganda da Eletronuclear. Ela é uma forma de difusão de ideias, valores, opiniões, ou seja, faz circular a informação nos mais diversos espaços e para um considerável contingente de indivíduos, conforme acabamos de constatar. Da mesma maneira a matéria trata sobre os problemas que podem rondar o coração.

Por fim, deve-se levar em consideração que os enunciados contam com uma materialidade, mas também, em muitas ocasiões, segundo dadas escolhas, aparecem com um *status*, por isso têm condições para surgirem na ordem da ciência especializada, no cotidiano e na mídia. Em outra via, a mídia conseguirá produzir determinados sentidos por conta de um insistente retorno de imagens, de sínteses narrativas, enfim, por alcançar as representações que constituem o imaginário social. A articulação midiática faz funcionar, na contemporaneidade, uma rede de mecanismos responsáveis pela efetivação das identidades – o ecologicamente consciente e responsável, o cidadão verde, a *eco-model*, o saudável, mas também o obeso, doente, anormal, ignorante...

Ainda, devemos dizer que este breve artigo não pode explorar tudo aquilo que poderia ser dito tanto do discurso da ciência, da mídia, das formas de desdobramento do universo da ciência em nosso cotidiano e da constituição de identidade. Tentamos apenas fazer algumas trilhas e buscar alguns caminhos possíveis para interpretar uma relação que nos rodeia na contemporaneidade. É essa relação que faz constituir formas de ação dos sujeitos, maneiras de se considerar a verdade e que possui um alcance muito extenso, pois é capaz de criar uma simulação de neutralidade, pois se investe de um caráter informativo, de ampliação e distribuição do conhecimento, realizando a partilha social do saber e colocando no esquecimento a relação produtiva que existe entre poder e saber. Dessa maneira, cremos que estas pequenas análises não respondam a todas as

perguntas acerca do objeto abordado, mas nos mostram algumas possibilidades de leitura e reflexões sobre nós e nosso tempo.

Referências

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

CHAUÍ, Marilena. *Simulacro e poder: uma análise da mídia*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. *Mil platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora34, 1995, 2 v.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

_____. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2004a.

GOMES, Mayra Rodrigues. *Poder no jornalismo: discorrer, disciplinar, controlar*. São Paulo: Hacker Editores. Edusp, 2003.

GUIMARÃES, Eduardo. Política científica e produção de conhecimento no Brasil (Uma aliança tecnológica). In: GUIMARÃES, Eduardo. *Produção e circulação do conhecimento: política, ciência, divulgação*. Campinas: Pontes, 2003. 2 v. p. 193-200.

HARDT, Michel e NEGRI, Antonio. *Império*. Tradução de Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Record, 2010.

MILANEZ, N. O corpo é arquipélago: memória, intericonicidade e identidade. In: NAVARRO, P. *Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Carlos: Claraluz, 2006, p. 153-179.

ELETRONUCLEAR
apresenta

ECONOMIZE O PLANETA

Na edição anterior, neste mesmo espaço, mostramos o raió-x de uma usina nuclear. E tão importante quanto entender como a energia elétrica é gerada é saber que ela está sendo consumida com responsabilidade. Se você é uma pessoa que gosta de tecnologia, há uma boa chance de seu quarto ser o lugar que mais consome eletricidade na casa. Mas não se preocupe. Com nossas dicas, sua conta de luz sai mais barata, seus aparelhos eletrônicos duram mais e o planeta é preservado.

Janelas fechadas e paredes pintadas com cores escuras aumentam a necessidade de iluminação artificial no quarto. Além disso, uma **janela grande e aberta** faz o ar circular mais, para o bem dos seus pulmões, e refresca o ambiente.

A maioria dos blecautes no Brasil acontece entre 18h30 e 21h30, quando todo mundo liga seus aparelhos elétricos. Se você conseguir **reduzir o consumo**, especialmente nesses horários, diminuirá a necessidade de o país produzir mais energia.

Sempre que possível, tente não colocar um monte de aparelhos em uma mesma tomada: **os fios esquentam e o consumo aumenta**, e essa sobrecarga pode levar até a um incêndio. Se não tiver alternativa, use uma régua com filtro (ou uma régua com proteção).



ENTER+

VIDA

SAÚDE

PERIGO MAL COMPREENDIDO

Saiba como prevenir e tratar o colesterol

Cerca de 40 milhões de brasileiros sofrem de aterosclerose, obstrução das artérias causada pelo acúmulo de gordura em sua parede. O problema é a principal causa de doenças do aparelho circulatório, responsável por 28% das mortes no Brasil.

Apesar de ser o fator de risco mais comum para a aterosclerose, os níveis de colesterol considerados seguros para a saúde e as maneiras de obtê-los são mal compreendidos pela população, segundo um estudo mundial sobre o tema.

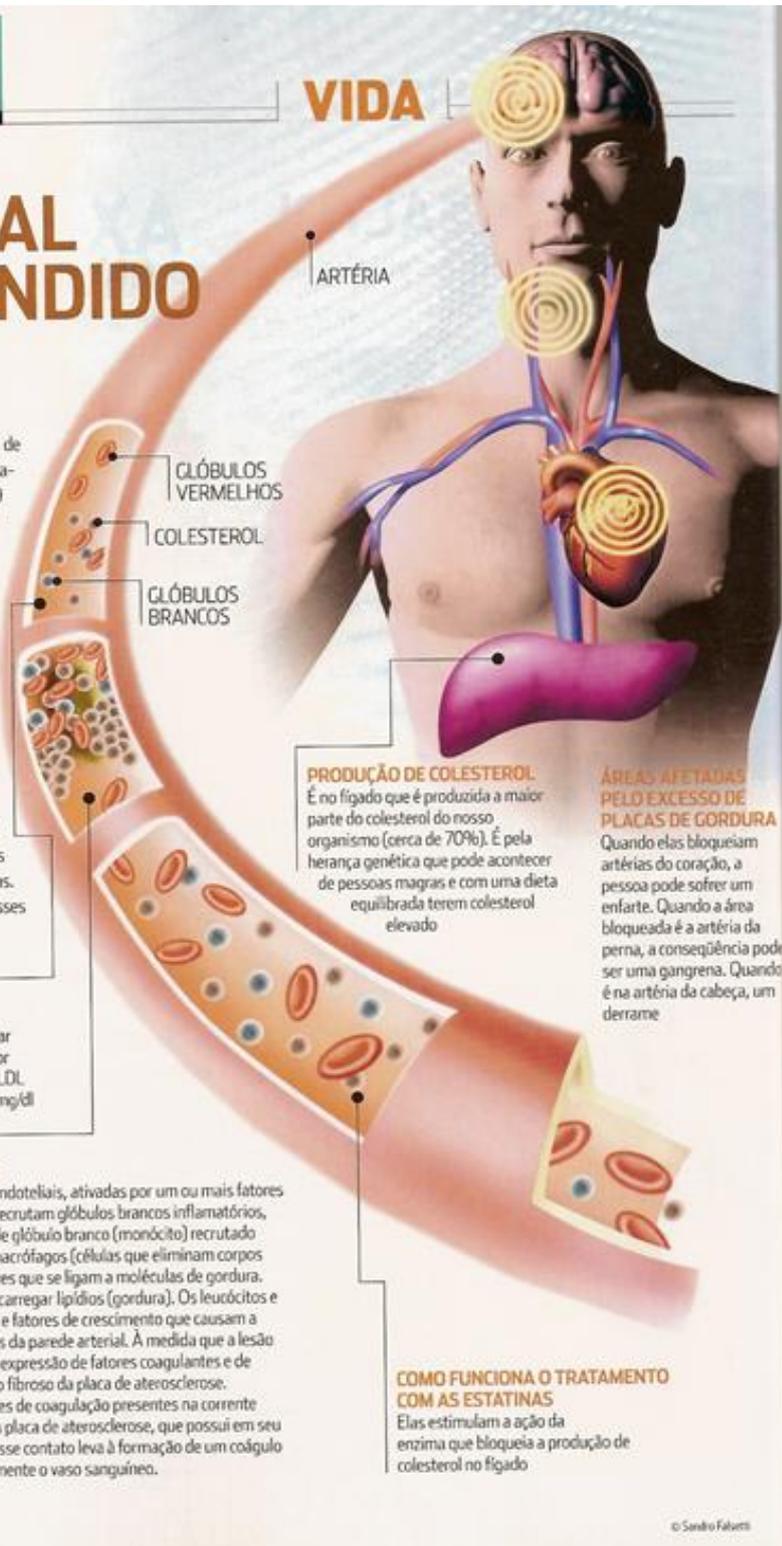
Medidas simples, como evitar alimentos de origem animal, ingerir frutas, legumes, verduras e cereais e praticar exercícios físicos, contribuem. Abandonar o cigarro também ajuda na prevenção. Nos casos mais graves, é recomendada a utilização de estatinas. Saiba como a aterosclerose se forma e como esses medicamentos agem. (FERNANDA COLAVITTI)

CORRENTE SANGÜÍNEA SAUDÁVEL

Os níveis de HDL (colesterol bom) devem estar acima de 40 mg/dl (acima de 60 mg/dl melhor ainda, pois é considerado protetor). Já os de LDL (colesterol ruim) devem estar abaixo de 100 mg/dl

COMO SE FORMA A ATEROSCLEROSE

A lesão começa a ocorrer quando as células endoteliais, ativadas por um ou mais fatores de risco, passam a expressar moléculas que recrutam glóbulos brancos inflamatórios, tais como monócitos e linfócitos T. Um tipo de glóbulo branco (monócito) recrutado pelas paredes da artéria transforma-se em macrófagos (células que eliminam corpos estranhos do organismo) e expressa receptores que se ligam a moléculas de gordura. Os macrófagos então passam a incorporar e carregar lipídios (gordura). Os leucócitos e outras células vasculares secretam proteínas e fatores de crescimento que causam a migração e proliferação de células musculares da parede arterial. À medida que a lesão progride, mediadores inflamatórios causam a expressão de fatores coagulantes e de substâncias que enfraquecem o revestimento fibroso da placa de aterosclerose. Se a cápsula fibrosa da placa se rompe, fatores de coagulação presentes na corrente sanguínea passam a ter acesso ao interior da placa de aterosclerose, que possui em seu meio um núcleo de gordura trombogênica. Esse contato leva à formação de um coágulo (trombo), que pode obstruir parcial ou totalmente o vaso sanguíneo.



PRODUÇÃO DE COLESTEROL: É no fígado que é produzida a maior parte do colesterol do nosso organismo (cerca de 70%). É pela herança genética que pode acontecer de pessoas magras e com uma dieta equilibrada terem colesterol elevado

ÁREAS AFETADAS PELO EXCESSO DE PLACAS DE GORDURA
Quando elas bloqueiam artérias do coração, a pessoa pode sofrer um enfarte. Quando a área bloqueada é a artéria da perna, a consequência pode ser uma gangrena. Quando é na artéria da cabeça, um derrame

COMO FUNCIONA O TRATAMENTO COM AS ESTATINAS
Elas estimulam a ação da enzima que bloqueia a produção de colesterol no fígado